



APRESENTAÇÃO

Os editores

Teologia africana ou teologias africanas? A África é plural — terra de inúmeros povos, línguas, culturas, experiências religiosas e, por isso mesmo, de múltiplas teologias. Este número da revista convida a leitora e o leitor a adentrar o vasto e fecundo campo das teologias africanas: profundamente contextuais, nascidas da realidade de uma África em movimento, onde a Igreja cresce e floresce com vitalidade, em comunidades dinâmicas e com uma espiritualidade enraizada na vida cotidiana. Os artigos abordam temas como a família, a inculturação e a corporeidade e, ao refletirem a partir da prática e da cultura, apresentam teologias que não são apenas locais, mas também universais. Além disso, o diálogo com a teologia afrodiaspórica permite vislumbrar pontes entre continentes, memórias e esperanças compartilhadas.

O dossiê se compõe de sete artigos. No artigo de Okechukwu Camillus Njoku e Caroline Mbonu, **Exploring Religious Experience in Nigerian Igbo Indigenous Religious Tradition: Toward a Christianity and Church with an Indigenous Face**, lemos que diversos sistemas religiosos podem gerar experiências religiosas pessoais e subjetivas, mas com elementos sociais. As crenças e símbolos adquiridos culturalmente influenciam essas experiências. O texto analisa como a tradição religiosa indígena Igbo molda a vivência do cristianismo, especialmente pela adaptação de fenômenos espirituais em práticas pentecostais e carismáticas.

O artigo **Proportionality as a Moral Principle in Punishment: Examining the Issue of Lynching/Jungle Justice in Nigeria Through the Lens of I Kings 21:1-9**, de Favour C. Uroko e Chidinma Precious Ukeachu, analisa I Reis 21:1-19, onde Nabote é linchado com base em falsas acusações, relacionando-o ao aumento do linchamento no estilo “justiça com as próprias mãos” na Nigéria. Em 2022, mais de dez casos foram

registrados, incluindo o assassinato de uma estudante. O texto defende medidas preventivas e reativas, inspiradas na passagem bíblica, para combater essa prática.

O artigo de Nina E. Müller van Velden, **John 15:1-8: a Re-reading Through Earth, SDGs, Covid 19, and Cape Town Farms Contexts**, relaciona a falta de saneamento para mulheres agricultoras com questões de segurança, higiene e dignidade, agravadas pela pandemia. Utilizando João 15:1-8, a autora faz uma leitura crítica de gênero e ecofeminista, focando nas mulheres negras do Cabo Ocidental. Questiona-se a exigência de submissão dos discípulos, analisando-a à luz das desigualdades de gênero, raça e classe.

O artigo **Transformação religiosa e implicações de gênero na comunidade quilombola de Sítio Alto: um estudo sobre catolicismo, pentecostalismo e meio ambiente**, de Marina Aparecida Oliveira dos Santos Correa, investiga a transição do catolicismo para o pentecostalismo na comunidade quilombola de Sítio Alto, com foco nas implicações de gênero. Destaca o papel central das mulheres, especialmente de D. Josefa, na preservação das práticas religiosas. Também explora a relação entre religião, meio ambiente e sustentabilidade nas dinâmicas culturais locais.

Cleusa Caldeira, no artigo **“O futuro é ancestral”: rumo à escatologia da ancestralidade a partir da ecodominância dos modos de vida quilombola**, propõe uma escatologia negra baseada no ecofeminismo africano e no pensamento afrodiaspórico, diante das crises climáticas e sociais. Destaca que mulheres negras e a Terra são as mais impactadas por sistemas opressivos. A partir da diáspora negra, sugere-se uma esperança teológica prática nos modos de vida quilombola.

O artigo **Adam and Adamah: a Feminist Re-examination of Gender and Environment in the Yahwist's Narrative**, de Uzoma A. Dike, reexamina Gênesis 2:21-25, questionando se o texto realmente ensina a primazia masculina. Utilizando análise gramatical e hermenêutica feminista, argumenta que a narrativa apresenta uma relação mais igualitária entre homem e mulher. Defende, assim, a revisão da ideia de liderança masculina nas tradições cristãs.

O artigo de Jaciely Soares da Silva e Angela Cristina Borges Marques, **Parasitismo de gênero, interculturalidade e representações da deusa Iansã no Brasil**, analisa como religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, promovem empoderamento e cura para mulheres em vulnerabilidade, especialmente durante a pandemia. Destaca a figura de Iansã e a perspectiva exusíaca como forças de resistência diante da violência e

das desigualdades de gênero. As práticas religiosas são vistas como formas de resgate cultural frente ao colonialismo.

Na **seção artigos gerais**, encontram-se cinco artigos. No artigo de Rodolfo José Lourenço, **A reconciliação fraterna e o perdão em Mt 18**, lemos que o gênero literário por trás das perícopes sobre correção fraterna e perdão em Mateus 18, relacionando-as aos conceitos veterotestamentários de *mišpaṭ* e *rîb*. A análise conclui que o *rîb* fundamenta o Discurso Comunitário, oferecendo uma nova compreensão sobre o agir de Jesus, o perdão e o papel da comunidade.

Sérgio A. Damião, no artigo **“E renovareis a face da terra”: o dinamismo pneumático da felicidade humana**, investiga como o dinamismo do Espírito Santo se relaciona com a felicidade humana, partindo do esquecimento do Espírito na teologia e no desejo contemporâneo por felicidade. Analisa criticamente o esvaziamento do conceito de felicidade e propõe uma compreensão simbólica e vocacional da existência humana.

Elias Wolff, no artigo **A ecumenicidade da espiritualidade sinodal: uma leitura ecumênica do método da conversação espiritual**, analisa a dimensão ecumênica da espiritualidade do Sínodo sobre a Sinodalidade que a Igreja Católica realizou de 2021 a 2024. Para isso, explicita a ecumenicidade dos pilares do método da conversação espiritual — o encontro, a escuta e o discernimento.

No artigo **Los cultivos transgénicos a la luz de Laudato Si’: elementos para un juicio teológico moral de su desarrollo en Sudamérica**, Cristian Borgoño Barros aborda a lacuna na reflexão teológico-moral sobre os cultivos transgênicos, tema tratado brevemente na *Laudato Si’*. Analisa e amplia os critérios de discernimento propostos pelo Papa Francisco, aplicando-os à realidade agrícola da América do Sul.

Unai B. Zamorano, no artigo **La “unión hipostática creadora”: un descubrimiento teológico contemporáneo sobre el origen del hombre a la luz de la cristología antigua, la metafísica medieval y la teoría de la evolución**, propõe o conceito inédito de “união hipostática criadora”, baseado na cristologia calcedoniana e em diálogo com o Vaticano II e o dogma da Imaculada Conceição.

Manifestamos nossos sinceros agradecimentos às autoras e aos autores que ofereceram suas valiosas reflexões, bem como àquelas e àqueles que acessarão estas pesquisas para a realização de seus estudos.

Não poderíamos deixar de registrar nossa gratidão ao Prof. Dr. Francisco das Chagas de Albuquerque, que, nos últimos oito anos, exerceu a função de Editor-Chefe desta revista, desempenhando suas atividades com dedicação e profissionalismo.

Neste ensejo, acolhemos o Prof. Dr. Franklin Alves Pereira como novo Editor-Chefe da *Perspectiva Teológica*, com votos de um trabalho profícuo nesta função, contribuindo para a continuidade e o aperfeiçoamento de nossas publicações.

Boa leitura!

Foto Francisco: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt.html>



Papa Francisco (* 1936 - + 2025)
Franciscus / Jorge Mario Bergoglio 13.III.2013 - 21.IV.2025

Papa Francisco: o pastor com cheiro de ovelhas!

Jaldemir Vitorio

Quando Jorge Mario, Cardeal Bergoglio, escolheu para si o nome *Franciscus*, ao ser eleito Papa, apontava a direção do seu ministério como Bispo de Roma, sinal de unidade de toda a Igreja. Sua pertença à Companhia de Jesus, de imediato, levou a pensar numa evocação ao grande missionário jesuíta, São Francisco Xavier, que, no séc. XVI, evangelizou o Oriente, com inacreditável ousadia. Essa primeira impressão caiu por terra com a explicação dada por ele mesmo. Seu nome traria à consciência da Igreja e do Mundo o pobrezinho de Assis que aflorou como profeta a denunciar os desvios da Igreja, contaminada pelo poder, pela riqueza, apontando a pobreza e a solidariedade com os empobrecidos como exigências incontornáveis na vivência da fé e do compromisso com o Reino de Deus. O Papa Francisco, nos passos do *poverello* de Assis, deixava claro sua pretensão de ajudar a Igreja a romper os laços da mundanidade e se converter ao pobrezinho de Nazaré, cuja vida inteiramente alicerçada em Deus e sua justiça, dedicada a servir aos empobrecidos e descartados, torna-se parâmetro para todos os batizados e batizadas, em busca de viver, com fidelidade, o compromisso batismal.

O Papa Francisco, nem de longe, podia imaginar que, como Francisco de Assis, no séc. XIII, deixaria uma marca inconfundível na bimilenar caminhada da Igreja. Sua Páscoa definitiva possibilita avaliar os 12 anos do seu pontificado e verificar as múltiplas rupturas que provocou, com muitos e inspirados documentos, homilias, falas espontâneas, declarações e escritos pessoais. Sobretudo, com o testemunho de vida, que, em algumas ocasiões, foi selado com gestos proféticos impactantes, por exemplo, quando, em 2019, ajoelhou-se e beijou os pés dos líderes da República do Sudão do Sul, implorando paz para aquele povo pauperizado e massacrado pela violência das guerras internas. Um gesto espontâneo, inesperado e sincero, impensável fora do Papa Francisco! Como esse, foram tantos seus gestos proféticos, chocantes para quem pensa o Papa como semideus, caído do céu, diante de quem todos se curvam, até mesmo, os grandes deste mundo.

O estilo de ministério papal, introduzido pelo Papa Francisco, o distingue dos antecessores e, com probabilidade, o distinguirá dos vindouros. Pode-se identificar, na base dessa descontinuidade, a espiritualidade inaciana, marcadamente cristológica e missionária. Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola apresentam, para a contemplação dos exercitantes, Jesus de Nazaré que escolhe o caminho da pobreza, dos opróbrios e da humildade, como projeto de vida, e o propõe a quem se dispõe a se associar a ele, “alistar-se em sua bandeira”. Jesus convoca colaboradores na tarefa de conquistar o mundo, trilhando a direção

contrária da proposta de Lúcifer, o “inimigo da natureza humana”, e seu caminho de riqueza, vanglória e soberba. Como bom inaciano, o Papa Francisco abraçou tal caminho espiritual em seu ministério, vivendo no seguimento de Jesus de Nazaré, pobre e despojado, e no serviço efetivo às vítimas das injustiças e aos marginalizados, dando-lhe uma impostação evangélica de qualidade!

Em seus primeiros instantes como Papa, recusou-se aparecer no balcão da Basílica de São Pedro com as vestimentas papais de praxe. Conservou a singela cruz peitoral, com a imagem do Bom Pastor, a mesma usada quando Bispo, e se apresentou com as vestes brancas, que o caracterizariam. Abandonou o apartamento papal e optou por residir na Casa Santa Marta, hospedaria no interior do Vaticano, evitando de se tornar refém de uma estrutura sufocante e perigosa, que o distanciaria do povo. Assim, deixou claro não lhe interessar “pompas e circunstâncias”, incompatíveis com o Evangelho e sua mensagem de simplicidade e despojamento!

Com Francisco, as portas do Vaticano se abriram para toda sorte de párias e deserdados, pois na Igreja há lugar para “todos, todos, todos”, como gostava de insistir. A emproada aristocracia católica romana, bem como a aristocracia eclesiástica, com suas vestimentas repletas de penduricalhos, tendente à bajulação, à subserviência e ao carreirismo não foram privilegiadas por ele. Em seu entorno e companhia, preferiu ter pessoas “normais”, que lhe devotavam verdadeiro afeto, por nada empenhadas em se darem ares de importância pela proximidade com o Papa. A marginalização dos aristocratas e dos senhores curiais, substituídos pelos pobres e gente comum, deve lhe ter valido muita resistência. Todavia, sem se importar, o Papa Francisco seguia adiante, determinado a ser “um pastor com cheiro de ovelhas!”

Seu linguajar simples, feito de metáforas, parábolas, imagens, afirmações contundentes, às vezes, ferinas, bem no estilo sapiencial de Jesus de Nazaré, deixou de lado o “eclesiastiquês”, preocupado com o dogma, a doutrina, a moral e os “bons costumes”, com reflexões rebuscadas, voltadas para pessoas de alto rango cultural e teológico. Qualquer pessoa podia entender quando falava da Igreja como “hospital de campanha” ou “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”. Como excelente catequista, ocupava-se em falar ao coração das pessoas e ser entendido por elas!

Francisco se mostrou extremamente livre em relação à Cúria Romana e suas eminências, algumas, gente dissimulada e politiqueira, pouco afetada pela Igreja real, a Igreja dos sofredores, dos descartados, das periferias, dos interiores, dos grotões do mundo e de toda sorte de desgraçados. Eis por que, com total sinceridade, bem no início do pontificado, tendo diante

de si a nata do colégio cardinalício, denunciou-lhe cada um dos pecados que lhe pareciam mais patentes, por contradizerem os ensinamentos de Jesus de Nazaré. Era como se lhes dissesse: “eu sei quem vocês são!”, “vocês não me enganam!” Nenhum Papa, jamais, teve tamanha ousadia.

O papado de Francisco se notabilizou pela tolerância zero com a pedofilia por parte de eclesiásticos. Mostrou-se solidário e compassivo com as vítimas, com absoluta honestidade, e as escutou com o coração destrozado e envergonhado. E, quanto possível, os abusadores foram exemplarmente punidos, de alto a baixo, independente de seus rangos. Até mesmo cardeais foram defenestrados! Na linha da transparência, deu um basta às fraudes financeiras de que era acusado o Banco do Vaticano e suas tramoias com banqueiros e capitalistas estelionatários. Com uma metáfora certa, dizia que “as finanças do Vaticano são como uma casa de vidro”: todos devem saber o que se passa com elas, sendo intoleráveis as transações escusas e ilegais, próprias do submundo da marginalidade. Afinal, a Igreja, mantida com a generosa solidariedade dos mais pobres, deve viver em função da evangelização, e não do enriquecimento suspeito.

A “peste” do clericalismo foi combatida, sem tréguas, com o tema da sinodalidade que passou a fazer parte do vocabulário eclesial católico. Em outras palavras, o Sacramento do Batismo retomou sua centralidade, sequestrada, ao longo de séculos, pelo Sacramento da Ordem. O Povo de Deus foi chamado a participar, a assumir seu protagonismo eclesial e missionário, a ser “Igreja em saída”, que trilha todos os caminhos da humanidade, mormente, os da humanidade ferida, marginalizada, vitimada pelo preconceito e pela exclusão. Deixando de lado a autorreferencialidade, o Papa Francisco insistia que a Igreja deve se pensar para além de seus muros, de suas liturgias e de sua moral e dogmas. A palavra alegria – *laetitia* – consta em muitos documentos do seu magistério, de modo a revelar o rosto alegre da Igreja. A imagem do poliedro lhe servia de metáfora para pensar a realidade eclesial e humana.

Um traço dificilmente superável do Papa Francisco era seu bom humor. Quantos foram surpreendidos com uma piada, um chiste, um gracejo, que desarmavam os interlocutores paralisados por estarem cara a cara com o Papa! Raros foram os brasileiros que tiveram a chance de estar com o Papa Francisco, em momentos menos formais, e não foram confrontados com a pergunta: “você pensa que cachaça é água?” ou “quem é melhor Pelé ou Maradona?” e outras do gênero. Quem podia imaginar tal liberdade de expressão por parte do aristocrata Pio XII ou do tímido Paulo VI? No entanto, de Francisco, brotava com naturalidade.

Foi notável o esforço do Papa Francisco para dar protagonismo às mulheres na Igreja. Remou contra a maré e fez o que estava dentro de suas possibilidades, numa Igreja inveteradamente masculina e patriarcal,

que resiste, quando se trata da presença das mulheres em seus altos escalões. Em seu pontificado, várias mulheres assumiram responsabilidades de relevo, no âmbito da Santa Sé. Chamam a atenção a Governadora da Cidade Estado do Vaticano, a Subsecretária do Sínodo dos Bispos, onde existem outras peritas e auditoras, a Prefeita do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica e a secretária da Pontifícia Comissão para a América Latina. Quiçá, para não gerar cisões profundas, o Papa Francisco manteve a tradição de reservar o ministério ordenado com exclusividade dos varões. Porém, por ter declarado que “são as mulheres que levam o mundo adiante”, será preciso, por questão de coerência, pensar na maneira de reconhecer que “são as mulheres que levam a Igreja adiante” e lhes dar o lugar que lhes pertence em sua liderança.

Francisco se caracterizou por declarar seus pontos de vista e suas posições, sem receio de melindrar e ser criticado, a respeito dos grandes dramas mundiais e se empenhou, quanto foi capaz, para interferir nos rumos da História, sempre visando os interesses dos mais pobres e descartados. Com voz baixa, mansa e pausada, sem os arroubos dos grandes oradores e sem teatralidade, colocava o dedo nas feridas e chamava as coisas pelos nomes, deixando de lado os eufemismos. Essa liberdade profética identificará seu pontificado! Destaca-se seu posicionamento firme no tocante às causas socioambientais, a Ecologia Integral, e sua preocupação com a sustentabilidade do Planeta Terra, nossa Casa Comum, maltratado pelo capitalismo selvagem, sedento de lucro a qualquer preço, pouco se importando com a sobrevivência de povos, etnias, culturas e, até mesmo, continentes. Bateu, insistentemente, na tecla da fraternidade universal, convencido de que somos *Fratelli tutti*. Seus críticos e detratores foram inclementes em condená-lo pelo modo como tomou as dores da comunidade LGBTQIA+. Com a compaixão e a misericórdia, características dos discípulos do Nazareno, fez uma declaração categórica, que atíçou a sanha de muitos católicos autodeclarados conservadores e defensores da tradição: “se uma pessoa é gay e procura Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?” Movia-o uma certeza: eles e elas também são filhos e filhas de Deus! A posição de Papa permitiu-lhe identificar e denunciar os sinais de uma Terceira Guerra Mundial, “acontecendo aos pedaços”, numa leitura autenticamente profética da História.

Sobretudo, o Papa Francisco tornou-se referência, por reintroduzir na pauta da Igreja Católica e da consciência cristã, e colocar na ordem do dia, a pessoa de Jesus de Nazaré, o Evangelho do Reino de Deus e o serviço aos excluídos e marginalizados. *Ele foi o Papa dos Pobres!* Caminhou na contramão de uma Igreja mancomunada com os ricos e poderosos, defensora de seus valiosos tesouros, zeladora de uma tradição fossilizada e desconectada da grande Tradição cristã, em cujos albores está o pobre

Galileu, que “não tinha onde reclinar a cabeça”. Suas palavras e seu testemunho de vida surtiram o efeito de fazer aflorar na Igreja Católica, com total clareza, quem vive “com Cristo, por Cristo e em Cristo”, ao revés dos que se enganam, dizendo-se cristãos, entretanto, preferindo ser conservadores, tradicionalistas e tridentinos, esquecendo-se de que a Igreja é dinamizada pelo Espírito Santo, que “renova a face da terra”. O lema que lhe serviu de guia – *miserando atque eligendo* – contém a palavra-chave de seu pontificado: MISERICÓRDIA!

